

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondência deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLÉRICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exte-
rior ha a differença de porte do Correio

A Semana Santa e o Livre Pensamento

Grande conferencia

em que falarão os conhecidos oradores

Benjamin Mota

Que discorrerá sobre o thema — A RAZAO CON-
TRA A FE'.

Oreste Ristori

Desenvolvendo o thema — JESUS.

Esta conferencia realizar-se-á amanhã, 5 do corrente,
sexta-feira da paixão, a's 2 1/2 horas da tarde, no
SALAO CELSO GARCIA, sito a' rua do Carmo, 39.

A entrada será franca

A lenda da Veronica

Refere-se que Jesus, a caminho
do lugar de supplicio, suava san-
gue. Uma boa mulher, chamada
Veronica, commovida pela desgraça
do condemnado, enxugou-lhe o rosto
com um lenço, no qual ficou grava-
do o retrato de Jesus. Este sudario
tornou-se uma imagem milagrosa,
curando doenças, restituindo a vista
aos cegos. Muitas vezes, nas minhas
discussões sobre a historicidade do
crucificado do Gólgatha, me objec-
taram que existia o verdadeiro
retrato de Jesus, que se achava
algures esse famoso sudario.

Na Armenia, diziam-me que es-
tava em Etchmiadzin, para onde o
teriam levado no sec. II. Na Geor-
gia, repetidas vezes me disseram
que estava na cathedral de Mskhet,
antiga capital do Kartli. Visitei
essas igrejas e nada vi que se pa-
recesse com a miraculosa imagem.
Não me admirava o facto, pois sa-
bia ter a lenda origem buddhica e
ser um dos numerosos plagios feitos
ao buddhismo pelos compiladores
das lendas e tradições christãs.

A excellente revista Open Court,
de Chicago, repr. duz uma serie de
gravuras antigas dando a effigie de
Jesus no lenço. Essas gravuras são
tiradas das principaes collecções de
estampas da Europa. Lá se vê, por
exemplo, uma agua-forte de Alberto
Dürer, admiravelmente desenhada;
outra, em compensação, do seculo
XVI, representando Pedro e Paulo a
segurar o sudario, é perfeitamente
feia. A face de Christo é mais a
dum leuço e os santos tem bocas
patibulares.

«A Face», por Wolgemut (1493)
é mais feia ainda. Outro retrato,
por Flemalle (1450) é um pouco
melhor. A «Veronica e Jesus», de
Königshafen (1476), é mais feia.

Mas o que logo dá nas vistas é
não se parecerem absolutamente taes
retratos; bom custoso seria raco-
nhecer o mesmo homem. Se hou-
vesse um original, claro é que os
pintores se apressariam a utiliza-lo.

Toda a lenda é inepta. Quando
um catholico nos venha falar da
Veronica, podemos dizer-lhe que nos
vá buscar a imagem.

Notamos tambem que quasi todos
os retratos reproduzidos são do se-
culo XV. Ha uma boa distancia
entre a origem da lenda e as re-
presentações nella inspiradas.

Couza curiosa: essas pretensas
imagens maravilhosas deviam ter
um poder medico extraordinario.
Ha, na bibliotheca da Universi-
dade de Cambridge, um manuscrito,
ao que se diz do sec. II, intitula-
do: «Nathanis Judaci legation»
(Mensagem do judeu Nathan).

cidade até que uma criança inno-
cente gritou: «Mas o rei vai nu!»
O prof. allemão Grünwedel des-
cobriu, nas grutas de Oyzyl, perto
de Kutchu, quatro frescos repre-
sentando a cura milagrosa de Aja-
tasatru, á simples vista duma im-
agem representando Buddha, que lhe
é apresentada num sudario. Os qua-
dros das grutas de Oyzyl são an-
teriores ao sec. I da nossa era.

Assim, vemos mais uma vez que
os apologistas christãos plagiaram
de todos os lados para fazer essa
vestimenta de arlequin que se cha-
ma o christianismo.

G. Brocher.

HOSTIAS AMARGAS

A religião (a Catholica está en-
tendido) é necessaria á familia.
Os inimigos da familia são os
mesmos da religião.

A religião é necessaria á fami-
lia pela sua influencia benéfica na
constituição da familia. A familia
christã, doutrina e exemplos de
Jesus Christo.

(Themas da 6.ª e 7.ª conferen-
cias quaresmaes de d. Sebastião
Leme, bispo coadjutor do Rio
de Janeiro).

Enfeixaremos em a nossa refu-
tação de hoje os temas da 6.ª
e da 7.ª conferencias quaresmaes
do mavioso bispo coadjutor do
Rio de Janeiro, pela íntima con-
nexão entre ambas existentes.

Antes de mais nada, devemos
declarar que a Religião Catholica
deseja, quer, promove o desappa-
ricimento, o aniquilamento da
familia.

Perguntemos a um alumno qual-
quer da escola fradesca quaes
são os conselhos de Christo e
elle, immediatamente, responderá:
Pobreza voluntaria.

Obediencia inteira.
Castidade perpetua.
Portanto, se todos os catholicos
se dispuzessem a seguir os con-
selhos de Christo, não haveria
familia, porque ninguem se ca-
saria.

É o mesmo doutrina theologica,
professada nos cursos de Moral
dos seminarios, que o casamento
é, apenas, um remedio que Deus
concedeu aos homens contra o
peccado da incontinencia.

E se, sob o ponto de vista da
perfeição catholica, é de desejar
que ninguem se case, segue-se
evidentemente que não são inimi-
gos da familia os inimigos da
religião, porém sim e exclusiva-
mente os maiores amigos da
religião, aquelles que a exploram,
que della vivem, e a quem ella
mais aproveita, digamos — os
padres.

«A religião é necessaria á fami-
lia, por si mesma e pela sua
influencia benéfica na constituição
da familia» — diz emphaticamente
d. Sebastião Leme.

Porque?
Porque, graças a ella, o con-
fessor torna-se o verdadeiro chefe
da familia, fazendo com que as
suas determinações sejam mais
acatadas que as do chefe do
casal.

Gracias á religião, os padres
podem andar sempre a par do
que se passa no recesso do lar,



No meio d'uma feira, uns poucos de palhaços
Andavam a mostrar em cima d'um jumento
Um abortif infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços,
Aborto que lhes dava um grande rendimento.

Os magros histriões, hypocritas, devassos,
Exploravam assim a fôr do sentimento,
E o monstro arregalava os grandes olhos baços,
Uns olhos sem calor e sem entendimento.

E toda a gente deu esmola aos taes ciganos;
Deram esmola até mendigos quasi nús.
E eu, ao ver este quadro, apóstolos romanos,

Eu lembrei-me de vós, funambulos da cruz,
Que andaes pelo universo ha mil e tantos annos
Exhibindo, explorando o corpo de Jesus.

Guerra Junqueiro.

podem tambem industrializar as mu-
lheres contra os seus maridos,
fazendo com que ellas inventem
mil meios de demandar o confes-
sionario, sem que elles o suspeitem,
e isso sob pretexto de que todos
devem, de preferencia, obedecer
a Deus (isto é — ao confessor) e
não aos homens.

Gracias á religião, a mulher,
convencida que esta vida é transi-
toria e que todos os seus esfor-
ços devem tender a alcançar a
bemaventurança eterna, deixará
em abandono a sua casa, onde
reinarão o desgoverno, a desordem
e a falta de assieio, para passar a
sua vida nas igrejas a engolar
rosarios, a mastigar orações con-
tidas em sebhentos livros de ora-
ções e a chucharrear peccadinhos
aos ouvidos do seu director es-
piritual.

Oh! O director espiritual! E'
como que o proprio Deus baixa-
do do ceu, de samarra e sapatos
de fivelas, ao seio de uma fami-
lia catholica.

Conhecemos alguns lares de
fanaticos, onde o famigerado di-
rector espiritual tem maior voga
que o pater-familias que moureja
de manhã á noite, afim de con-
quistar o pão para aquelles que
lhe são caros.

De quantas esposas que se
consideram exemplares, de quan-
tas donzellas que se julgam irre-
prehensíveis não temos ouvido
que calcariam mil vezes aos pés
as ordens de seus esposos ou de
seus pais, antes que desacatarem
o mais ligeiro conselho dos seus
confessores!

Infelizes, que assim proceden-
do, mal sabem que smm mais
a estes do que aquelles e que
só lhes não perigará a honra
se tiverem a felicidade rara de

cahir nas mãos de um roupetas
que ainda conserve alguns laivos
de moralidade.

Frequental uma familia catho-
lica no rigor do termo e exami-
nai, com imparcialidade, se a re-
ligião lhe é, mesmo indispensavel,
segundo proclama d. Sebastião
Leme.

Entra o chefe da casa a horas
tantas, caçado, suarento, esba-
forido da labuta quotidiana.

Ninguem procura cerca-lo de
conforto. E se grita pela mulher
ou por alguma das filhas, solici-
tando uma chavena de café ou
os chinellos para desafogar os
pés maguados, é servido, não ha
nega-lo, porem com resmungos,
com mucochos e não raro com
modos arrebataados, que exprimem
a mais visível má vontade.

Entra porém na casa o confes-
sor da familia e repotrê-se no
sofá ou na melhor chaise-longue
da sala de jantar. O confessor,
via de regra, não é recebido no
salão de visitas.

Mas então vai por toda a casa
um fervet-opus sem par, traduzin-
do o afan que experimentam to-
dos de se tornar agradaveis ao
tal mastodonte ecclesiastico.

Para elle o mais aromatico
café com torradinhas ou o mais
fresco copo de leite conservado
em gelo; para elle os mais
saborosos docinhos e o mais ca-
pitoso licor guardado em casa
para as mais solennes occasiões;
para elle aquella fructa rara que,
dias antes, um amigo da familia
remetteu de presente e na qual
criança alguma teve o direito de
tocar, porque era destinada aos
dentes sagrados do padre con-
fessor.

E elle, devorando pacherrenta-
mente quanto se lhe offerce,

começa a distribuir, á direita e á
esquerda, lições da sua santissima
moral.

«Que a menina Branca não
se confessa, ha mais de oito dias;
que lhe constou que a menina
Idalina (oh! diabo, que nome fati-
dico foi cahir-me da penna!)
comera carne, quarta-feira de cin-
zas, em casa de uma amiga; que
a propria d. Isabel, a mãe das
meninas, ha cerca de uma sema-
na, não é vista no terço das sete
horas.»

E todas a se desculparem:
«Que houve isto, que houve
aquillo, que o tempo não lhes
permittiu sair, etc.» concluindo
por protestarem que o padre não
mais dellas teria motivo de queixa.

E elle se retira não sem haver
antes lhes dado a beijar a sua
mão pegajosa de suor e de lon-
gas unhas orladas de sujidades.

Sob o ponto de vista da cons-
tituição da familia, deve-se ainda
a Igreja o mal que avassala mul-
tos paizes occidentaes e que
consiste na indissolubilidade do
vinculo matrimonial.

A religião não admite que se
separem, em absoluto, dois in-
dividuos que, um dia, se uniram
pelo casamento, mas que depois
se reconheceram incompativeis.

Ella quer que os conjuges,
ainda mesmo se odiando muta-
mente, continuem agrihoados um
ao outro, até que a morte venha
liberta-los.

Ella não admite o divorcio.
Oh! Mas o divorcio virá fatal-
mente, porque é uma instituição
no mais alto grau liberal.

um texto como o seguinte: —
«Quod Deus conjunxit, homo non
separet, (Não separe o homem o
que Deus uniu) não é possivel,
repetimos, que continuem a exis-
tir na terra e em particular no
nosso paiz, tantos casaes infelizes,
que aguardam sequiosos a hora
da liberdade.

Eis ahi, pois, o que é a fami-
lia christã, eis ahi os fructos da
doutrina e dos exemplos de Chris-
to, tão enaltecidos pelo extraor-
dinario bispo coadjutor do Rio
de Janeiro.

Para o nosso proximo artigo
os comentarios sobre a 8.ª e 9.ª
these de d. Sebastião Leme.

Ignoto.

A FESTA DO SOLSTICIO

Os solsticios, como se sabe,
são as duas épocas do anno —
a seis mezes de distancia uma da
outra — em que se regista, alter-
nadamente, a mais longa noite e
o dia mais longo.

A época da noite mais com-
prida é o solsticio de inverno.
E como, nos dois hemispherios,
as estações são inversas, o que é
o solsticio de inverno para o he-
mispherio norte é o solsticio de
verão para o hemispherio sul, e
reciprocamente.

Mas os antigos ignoravam que
houvesse uma parte da terra onde
se tinha o verão em quanto os
europeus e asiaticos se achavam
no inverno. Julgavam que o nosso
solsticio de inverno marcava a
época da mais longa noite para a
Terra inteira.

Em seus mythos solares, faziam
nascer o deus Sol no solsticio de
inverno, no momento em que os
dias vão começar a crescer; a
sua juventude era no equinoccio
da primavera; no solsticio de
verão, raivava em todo o esplendor
da sua força; e depois do equi-
noccio de outono, no declinar da
sua idade, envolviam-no em fúne-
bre mortalha as trevas invasoras.

Entre os povos do Oriente, o
Sol nascente era representado por
um menino ao collo duma Virgem
celeste, sua mãe. Os egypcios, em
particular, celebravam todos os
annos, no solsticio de inverno, o
nascimento do pequeno Horus,
filho da Virgem Isis, e a sua
imagem era exposta num presé-
pio á adoração do povo.

A imperfeição do velho calen-
dario romano, chamado de Numa,
era tal, apesar das intercalações
periodicas, feitas pelos padres, de
um mez complementar de tama-
nho variavel, que no tempo de
Julio Cesar o anno achava-se
atrasado mais de dois mezes sobre
a época em que deveria ter com-
meçoado. O dictador dirigiu-se
ao astrónomo alexandrino Sosigenes
para reformar tal estado de
coizas: este, tendo calculado que
a duração da revolução da Terra
em volta do Sol era de 365 dias
e seis horas (enganava-se em cerca
de 11 minutos), deu ao anno
365 dias, reservando as seis horas
de sobra para formar um
trecentésimo sexagesimo sexto dia
a juntar cada quatro annos; e
propoz o principio do anno no
solsticio de inverno. Mas Cesar,
para não chucar demais os habi-
tuos romanos, quiz que o 1.º de
janeiro do anno da reforma «juli-
ana» fosse collocado não no
solsticio mesmo, mas no dia da
luz nova immediata. Ora, nesse
anno, a luz nova caía oito dias
depois do solsticio de inverno.

Dahi resultou que, no calendario
«juliano», o solsticio corresponde
não ao 1.º de janeiro, mas a 25
de dezembro, como é sabido por
todos os collegias que tem um
quadro desse calendario no fim
do seu léxico latino.

O dia 25 de dezembro tornou-
se pois no novo calendario im-
posto ao imperio romano, a data
official da festa que se celebrava
um pouco por toda a parte em
honra do nascimento do Sol, —
de Horus egypcio, do Mithra pers-
sa, do Phoebus grego e romano,

Ora, cerca de um século após a época de Cesar, começou a espalhar-se no occidente o que o historiador Suetônio chama «uma superstição nova e malfélica».

Tomando o lugar dos cultos anteriores, apropriou-se das suas festas, transformando-as para seu uso.

Entre taes festas, quiz ter uma que fosse a da Natividade do seu Christo. Mas os Evangelhos christãos não indicavam — es pour cause — em que época do anno teria nascido o seu mythologico Jesus.

«E' bem na realidade — escreveu o sabio Ernesto Havet — da festa do Sol que a Igreja fez a do Christo, isto é, o Christo foi identificado com o Sol.»

Podemos, devemos nós, homens e mulheres emancipados, que deixámos de crer nas fabulas christãs, celebrar tambem a festa solsticial? Podemos, devemos fazer a «ceia do natal»?

Bem sabemos que a significação que podemos dar na Europa á noite do natal não se pode universalizar, pois os habitantes da Africa austral, da Argentina, da Australia, tem o verão ao passo que nós estamos no inverno: mas não é uma razão bastante para que renunciemos á celebração desta festa no nosso hemispherio. (*)

Sabemos tambem que o solsticio de inverno já não cai agora, como ha vinte séculos, em 25 de dezembro; deslocou-se, no decorrer dos tempos, tres ou quatro dias: este anno foi em 22 de dezembro. Todavia, como ha na verdade, aparentemente, «paragem do sol», e durante tres rotações terrestres, os dias, não aumentando ainda, deixam de diminuir, pode dizer-se que na noite de 24 de dezembro ainda estamos sob a influencia desta especie de «calmaria» da «declinação austral» do sol.

Portanto, julgamos poder declarar que, em nossas sociedades europeias modernas, a festa do natal — como todas as que trazem uma trégua ao extenuante labor dos salarizados — tem a sua razão de ser. Fazendo-a nossa, não nos adaptamos á tradição da Igreja christã; reconduzimos, pelo contrario, a festa da noite de natal á sua verdadeira significação, a de festa do Solsticio. E' a nós filhos dos pagãos, que esta festa pertence: retomamo-la aos que a roubaram a nossos pais, e restituimos-lhe o seu caracter profundamente naturalista e humano. Não nos associamos, chegada a noite solsticial de inverno, aos hymnos de acções de graças dos fieis de Jesus. Deixamo-los cantar sózinhos o pretensio nascimento desse Redemptor que nada redimiu, desse Salvador que nada salvou. Não somos dos delles. Queremos salvar-nos nós proprios. E se cantarmos esta noite um hymno ha de ser bebendo, como dizia Pedro Dupont, á independência do mundo!

Esqueci, camaradas, a triste fabula do Christo; mas continuei e continuemos a festejar o natal, á gloria do Sol da justiça e de igualdade que vai nascer, á gloria do dia crescente que triumphou da noite, á gloria da proxima primavera, radiante mocidade do anno e do futuro.

Paris, 24 de dezembro.

James Guillaume.

(*) Dando-lhe a significação de festa da familia já ella pode ser universal. (N. da R.)

Festa de propaganda

No Salão Germania, será realizada a 13 de abril, pelo Circulo de Estudos Sociaes Conquista do Porvir, uma festa de propaganda, cujos beneficios revertirá á escola mantida por aquelle circulo.

Constará do programma: conferencias, leituras, baile e representação do drama *Morte Civil*, pel. Grupo Filodramatico Libertario.



O Partido Evolucionista e a sua proposta manhosa — Tribunais de excepção e amnistias — Como se doira uma pitula impopular — As manobras partidárias em torno da amnistia — São extintos os tribunais militares para os grevistas e o das Trinas — Saturno devora os proprios filhos — Cobre-se a retirada — A Republica teve razão, mas é magnanima — Sacrificio impossivel que não se deve exigir! — A inevitavel amnistia: corações ao largo!...

LISBOA, 10 DE MARÇO O grupo politico que tem por chefe o dr. Antonio José de Almeida e que tomou o nome de Partido Republicano Evolucionista, pretendendo naturalmente indicar com essa taboleta a sua preferencia pelo progresso lento e pacifico (como se não houvesse evoluções regressivas, nem evoluções progressivas aceleradas e violentas!), quer continuar e sistematizar a sua politica de atracção e fazer ampla colheita de elementos no campo conservador, moderado e oportunista, e até na vinha do Senhor.

Contra o tribunal de excepção que julgava os conspiradores monarchicos no antigo convento das Trinas, estavam todas as correntes de opinião preparadas: uns porque sempre viram nelle uma arbitrariedade; outros porque o consideravam já como inutil, ou como uma tirania de opereta, inefficaz e sem alcance. Falta de provas, acusações de fantasia, benevolencia de jurados pecaos e negociantes e de magistrados de apelação conservadores, tudo isso tem posto na rua quasi todos os monarchistas ou pseudo-monarchistas nos tribunais comuns. E depois...

O depois, se houver desastres pessoais a lamentar, virá a amnistia, porque — coisa curiosa! — seus proprios adversarios a julgam apenas prematura quanto aos grevistas, até se apurarem responsabilidades, e inoportuna quanto aos conspiradores...

Ora, sendo inoportuna somente, ha de ser um facto mais tarde: é uma promessa formal feita, para descanso de todos, pelos mesmíssimos que consideram a amnistia dos presos politicos e dos emigrados como uma fraqueza da Republica e um incitamento a novas rebeldias!

Singular logica a dos partidos! Todos no fundo estão de accordo com a amnistia, que não faria mal a coisa alguma e aproveitaria sobretudo a pobres diabos assolados e porventura atrepalhados (como os que já tem votado amnistiados de facto), mas... é preciso fazer «politica»!

Politica, no sentido de disputa do poder e da influencia. Neno Vasco.

Jesus perante a sciencia Numa sua conferencia, o doutor Dreyer-Dufer, baseando-se nos evangelhos, por elle considerados como documentos historicos de boa fé, provenientes de biographos sinceros e candidos, estabeleceu que, aos olhos da medicina, armada da psychologia pathologica, Jesus não pode ser considerado senão como um degenerado mental, atingido de loucura mystica.

Procedendo a respeito delle como a respeito de um doente de hospital, o orador estudou-lhe os «antecedentes hereditarios», José o Maria, dois judeus devotos, peregrinos bi-sannuacs a Jerusalém; os seus «antecedentes collateraes», irmão de um asceta rachtico e sujo, lago pequeno ou menor, que suggestivo por elle, veio a ser o primeiro bispo de Jerusalém e pagou com a vida o seu fanatismo; primo-irmão do segundo bispo de Jerusalém, Simão, filho de Khalipol, que teve a mesma sorte, tio-avô de rusticos cuja simplicidade e impotencia provocaram a compaixão do imperador romano Domiciano, os netos de Juda, seu irmão, que governaram tambem a terra catholica nascente; os seus «antecedentes pessoais», o acciso de fuga, de dromomania em termo medico, que elle teve na infancia, quando o acharam no templo no meio dos doutores da Lei, acciso frequentes nos degenerados, as alu-

cinções auditivas que elle teve, desde a infancia, sob a influencia das predicas dos rabbins da synagoga, signaes de loucura que Maria, sua mãe, «guardava no cccação» e que a levaram a ir buscar seu filho a Capharnatim para o internar como alienado, «porque os seus o diziam desvairado» (Evangelho de Marcos, III, 21); «o estado de ser que elle apresentou durante toda a sua existencia», a sua delicadeza de constituição que o orador provou interpretando os evangelhos pelo seu justo valor, as suas frequentes recusas de alimento (accessos de si-tiophobia), communs a todas as alienações mentaes, os seus ataques de angustia, complicados até com suores de sangue, afecção de ordem hysterica, já conhecida por Aristóteles 300 annos antes da era christã, a sua morte prematura na cruz, dum syncope facilitada pela existencia duma pleurisia tuberculosa — a tuberculose é vulgarissima nos vagabundos como Jesus.

Enfim, a proposito das ideias de automutilação emitidas pelo galileu, ideias communs aos mysticos de todas as religiões, das ideias de enucleação dos olhos, das ideias de amputação manual, que acham em Jesus como nos delirantes dos asyls de alienados, o doutor Dreyer-Dufer mostrou a que louco typico, classico, evidente, tem a humanidade sacrificada, de ha vinte séculos para cá, tanta arte, tanta energia, tanta felicidade e tantas vidas humanas.

(De La Libre Pensée).



Antes de estalar o colossal movimento dos mineiros ingleses, os arcebispos anglicanos elaboraram e recomendaram aos padres, como remedio preventivo, uma prece elevada ao Altissimo, para que este senhor illuminasse com a luz divina do seu Espirito Santo a mente entenebrecida dos operarios subterraneos e os levassem a desistirem da greve.

Os operarios irreverentes puseram logo o seu veneno nos santos desejos de paz da santa gente ecclesiastica e observaram com infernal malicia que, sendo o motivo da greve a teimosa resistencia patronal á reivindicação do salario minimo, era antes aos proprietarios das minas que o Eterno deveria dirigir-se. E a parcialidade da Igreja resultou, para esses demonios, evidente.

Apesar da nossa manifesta e insuspeita sympathia por todas as Igrejas, não podemos negar que os desastrosos arcebispos deram ao, na verdade, a tão indecorosas suspeições. Que lhes custava a neutralidade? Poderiam muito bem ter pedido a Deus que commovesse um ou outro campo, á sua vontade.

E naturalmente a Divindade, podendo escolher, teria preferido os proprietarios. As razões são óbvias. Está, o Senhor, em melhores relações com os senhores, e estes são menos numerosos e menos ruidosos que os operarios. Não teria Deus de percorrer esbaforido, do País de Galles a Fife as tempestuosas assembleias geraes de trabalhadores irritados e incrédulos. Pobre Espirito Santo!

Eis porque foram vão os esforços divinos e eis porque a greve rebentou. Os arcebispos praticaram um gravissimo erro de tactica e são os unicos culpados da catastrophe. Que a Inglaterra lhes agradeça!

Lena Vaz

As conferencias de Ristori

Conforme é do conhecimento publico, realizou-se domingo, 31 de março, ás 9 1/2 da manhã, a ultima conferencia da serie realizada, sobre a questão religiosa, pelo compañheiro Oreste Ristori.

Como previamos, a assistencia foi numerosa, não poupano applausos ao conferencista que, com compontencia e facilidade, discorrendo sobre o thema: — O Christianismo é uma gangrena — mostrou a necessidade cada vez maior de, com energia, combatalo.

Por termos de anticipar a publicação desse numero deixamos para o proximo e resumo dessa bella conferencia.

Numa procissão

Pense o leitor de mim o que quizer, mas eu é que não receio confessar-lhe que fui ha dias numa procissão.

Não calo mesmo a circumstancia de andar, toda uma tarde, como um parvo, atraz do fogueteiro e dos gaiteiros, ao lado dos mordomos, no mesmo plano dos devotos, contente, commovido, deslumbroso!

Estou a ver daqui alguns dos meus leitores esboçando um sorriso de piedade e de tristeza, por esta minha incoherencia.

A esses leitores, zelosos da minha honra e dos meus creditos, só lhes tenho a objectar que se estivessem, como eu, quinta-feira passada, na Praia da Nazareth, não só se encorporavam naquella procissão, como até eram capazes de levar um guião ou puxar a um andor.

E se não, ouçam.

As procissões aqui não levam padres. Não tem cantochão nem ladaíñas; o administrador não as vigia nem os cabos se armam para as policiaes. As procissões aqui são só do povo, feitas só pelo povo, dirigidas pelo povo, rematadas pelo povo.

Se de longe em longe o padre toma parte nellas, essas procissões não valem nada. O povo mesmo se abstem de lá ir.

Porque as procissões aqui são regosijos publicos. O pescador que se encorpora vai á sua vontade: descalço e de barrete na cabeça.

Mesmo aquelles que pegam nos andores vão como no mar alto, falando em alta voz. Muitas vezes até gesticulam e praguejam, sem o menor receio de que o santo os castigue.

E por uma razão: é que o santo que ali levam é muito familiar. Vive com elles, dorme com elles.

Aqui, os andores, quando recolhem com os santos, não vão para as igrejas. Vão para casa dos mordomos e lá ficam todo o anno, até que outros mordomos os vão buscar para lhes fazer nova rolagem.

O santo aqui pertence ao povo. E' do mordomo, que o põe onde quer, que o leva onde quer.

Geralmente o santo compartilha de todas as funcções domesticas do seu festeiro. Como passa o anno em casas de pescadores, que em geral são baixas e acanhadas, é obrigado a assistir a todas as manifestações de vida, a todas as alegrias e tristezas que decorram naquelle lar, no seio daquella familia.

E assim o pescador come com elle ao pé, bebe com elle ao pé, ralha com elle ao pé. A' noite deita-se com elle á sua vista, beija a esposa á sua vista e até os filhos nascem á sua vista.

Quer dizer: o santo faz parte da familia. E como não faz despesa nem tem doencas, o pescador olha-o com benevolencia e com carinho.

Concorre muito para isso a bondade do santo, que é quasi sempre S. Pedro sobre um barco ou a Senhora da Nazareth, com o menino ao collo.

Mas não julguem que são santos arrogantes como os das cathedraes e os dos mosteiros, do tamanho dum homem.

Não: aqui os santos tem um palmo de altura. A cabeça nunca é maior do que a dum gallo e muitas vezes mais pequenina que a dum melro.

Os santos aqui chegam a ser sympathicos. Não olham á pobreza nem ao luxo. Convivem com todos, são de todos, vão pela mão de todos.

Tudo está dito dizendo-se que aqui o santo até vai para as tabernas, beber com os barqueiros!

E nem por isso deixa de fazer milagres. E nem por isso tem menos prestigio do que aquelles que não descem nunca dos altares. Pelo contrario: quanto mais convive com o povo mais cresce a sua fama, a sua virtude, o seu prestigio.

Santo que aqui não viva com o povo, não durma com o povo, não coma com o povo, nem beba com o povo, não serve para nada. Ninguém lhe reza, ninguém lhe pede, ninguém lhe faz ofertas. Ha só um que foge a esta regra: é o Senhor dos Passos. Mas por isso, quantos desgostos e quantas arreliaes não tem elle experimentado, precisamente por ser passado e grande!

Quando elle vai na sua procissão, o pescador que o leva roga-

lhe praga, chama-lhe nomes, descompõe-no, insulta-o, ameaça-o. E' não ha muito ainda que elle foi abandonado no caminho pelos que o traziam, ficando para ali, sem anparo nem brilho, entre uma nuvem de poeira enquanto os pescadores corriam, num borborinho enorme, para irem ouvir um padre novo, de que lhe diziam maravilhas!

Mas é isto: o santo aqui, para ter virtudes e alcançar o culto dos maritimos, é preciso que lhe caiba no bolso e seja feito por um santeiro cá da praia, e com madeira aqui criada.

Aliás ninguém lhe dá um pataco, nem lhe deita um foguete. Ora nestas condições, eu acceito, eu tolero a religião no povo.

Nestas condições não me repugna até ser dos mordomos e pegar mesmo num andor.

E pense o leitor de mim o que quizer, a verdade é que se algum dia me fizerem mordomo nesta terra, eu hei de tambem comprar foguetes, mandar vir os gaiteiros e passear os santos pela rua, num grande entusiasmo, dançando com as peixeiras, riendo com os pescadores, brincando com a mocidade, e agradecendo a todos quando emfim me ajudarem a recolher e a accomodar os santos no meu quarto.

Pense o leitor, pense o mundo de mim o que quizer!

Thomaz da Fonseca.



LISBOA, 2 — O Seculo é a Lupa, desta capital, annunciam que Paiva Gouveiro prepara-se para invadir Portugal, porém antes irá á America do Sul buscar dinheiro, acompanhado do capitão Homem Christo.

(Do Correo da Manhã).

E a noticia alviçareira correu de bocca em bocca do extremo Norte ás fronteiras do Sul!

E são exclamações de alegria a não mais acabar. Grupos formam-se nas esquinas das ruas, nas praças, á porta das officinas; nos cafés e frejes não se fala em outra coisa!

Agora sim!

— O' Jaquina, ahre a arca, puxa p'ra fora a roupa melhor, escova-a bem; enteza bem o peito da camisa branca e põe de lado uma dúzia de collarinhos bem duros — ah! vem o Paiva com o Christo tambem, raio!

— Que dizes — éhm mesmo!

— Pois se te estou a dizer.

— Ah! Jesus, Jesus!

Num grupo dizia um: — Não sabes, elles vêm comprar o Minas Yaraes com o dinheiro que receberem. E' por isso que o (baixinho) Hermes não quez entregar as culatras dos canhões para os exercicios da esquadra. Não tens lido?

— Han!..

Parece que elle está muito zangado com a perseguição aos bispos e aos padres, porque queria uma republica como a daqui.

O Aberra — sabes? o nuncio e o Arcoberde não o largam, e se elle trastijare, lá vem a escommunhão. Elle tem um medo disto que se pella, mais que dos civilistas. Não tens ouvido o que disse o Leme nas suas conferencias na Cathedra?

— São os padres, ministros de Deus, que devem tudo governar neste mundo.

— E a briga, atalhou outro, do 2.º delegado som o censor Pio, protegido do Arcoverde, que não quer se represente certas pegas dos taes escriptores maçons, porque offendem a nossa religião! Olha, podem criticar, exhibir nos theatros magistrados, militares, medicos, tudo que pertença ás outras classes, porém padres não podem.

Este era um letrado que todos os domingos, num grande jornal, bots profecias a deixar a gente de bocca aberta.

E acrescentou:

— Vocês sabem que a Republica portugueza está muito mal com os operarios depois da traição, e do modo como foram tratados na ultima greve. Agora elle quer desfazer o erro em que caiu, porém a lição foi boa, porque, dizem estes, os republicanos que defendam a Republica se queiram, porque nós já estamos curados, não cairemos em outra.

sas forças, porém estes com facilidade encontraremos. De um sei que se pode contar com o concurso certo, é o Piedade, que subirá de posto, pois actualmente é coronel. O Faustino já para isso se entendeu com elle.

Quanto a esquadra, ella partirá daqui do Rio com um corpo de desembarque numeroso, formado, como nos tempos das Cruzadas, por milhares de religiosos de ambos os sexos transformados em soldados da Cruz, novos cavalheiros de Christo que só esperam ordens para empunhar a espada e a lança, cavalgar o corcel fogoso e esmagar os infieis, para maior gloria de Deus e do rei.

Ordens já foram expedidas ás vigariarias, capellarias, ordens maiores e menores para terem tudo prompto ao primeiro aviso. A vestida será dada por terra e por mar, aq mesmo tempo, de sorte que nem um republicano escapará ao cerco, porque o Piedade, novo Ricardo Coração de Leão, fara taes proezas que empanarão a fama do feroz rei de Inglaterra em Jerusalem.

Esperem e verão. Adreca. Rio, 31 — 3 — 1912.



O vigario-burro

Eis o que refere uma folha franceza:

Ha pouco tempo passou-se em Saint-Donan (Cotes-du-Nord) um caso que mostra como certas populações da Bretanha são ainda supersticiosas.

Tres moços de Saint-Donan recolhiam a casa por volta da meia noite, depois de se terem embriagado na taberna.

Lam já separar-se, quando um delles de repente, não obstante o escuro da noite e os fumos do alcool, distinguui na treva um jumento que, muito tranquilla e philosophicamente, do outro lado duma sebe espessa, andava a pastar uma erva pouco densa.

Parou abruptamente, como que petrificado pela surpresa, e retendo os companheiros com receio de ser escutado pelo asno-vigario, disse-lhes baixinho ao ouvido:

— O rapazes, vocês vêem ali aquelle burro? Pois é o nosso vigario!

Com uma voz entremalada, os dois companheiros exclamaram:

— O vigario?!

— Com certeza! redarguiu o outro; vocês então não sabem que, durante o mez de janeiro, os padres tem o poder de se mudar em bichos?

Recordada muito a proposito, esta superstição popular, ainda muito vulgarizada em certas regiões da Bretanha, tirou todas as duvidas aos jovens pandegos.

Ora dava-se o caso de elles terem umas terriveis contas a ajustar com o sobredito vigario, o qual, segundo parece, os apontara aos fiéis como tres malandrins da peor especie.

Realizou-se, pois, no mesmo instante um conselho de guerra, decidindo-se, sem outra forma de processo, dar cabo do vigario-jumento. A poucos metros dali levantava-se um monte de lenha, donde os nossos heroes arrancaram cada um o seu solido sacete, dirigindo-se depois resolutamente para o odiado inimigo que continuava a pastar, muito tranquilla e philosophicamente, no silencio da noite.

Ebrios de furor, mais do que de sidra e aguardente, os tres socios acercaram-se do asno, sob cuja apparencia asinina se occultava o vigario de Saint-Donan, e foi uma chuva ininterrupta e raiosa de bordoadas, até não poderem mais. Depois, com a satisfação intima da vingança cumprida, recolheram a penas.

Foucas horas mais tarde, um cantoneiro que ia para o trabalho descobriu o cadaver horrivelmente mutilado do pobre jumento e avisou a gendarmaria, vindo o inquerito a revelar o que acima narramos. Interrogados, os tres aspidas confessaram ter querido matar o vigario, mas juraram a sua innocencia quanto á morte do pobre burro.

Ma s o dono do vigario, ou por outra do jumento é que não quiz saber de historias de lobishomens e queixou-se ás justizas, devendo a aventura ter o seu epilogo no tribunal.

A IGREJA

Quando eu te vi soberba, os olhos encravando, Indomita, voraz, por sobre a Humanidade E, subito, fazer da mentira a verdade A terra, ao céu, á luz, aos homens enganando;

Quando na catacumba, ainda engatinhando, Sem força, sem governo e sem identidade, Faminta, quasi nua em toda liberdade As armas e os punhaes aos homens apontando;

Quando, em Roma, ao revez de grande entusiasmo De um povo sem justiça, estúpido, covarde Que te aclamava com delirio e com surpresa,

O martyr — nesse instante — oh! lugubre Sarcasmo, Expirava na cruz olhando o sol da tarde Emquanto do festim rias á sobre-meça.

Gualter Araripe.

Rio, 2, 1912.

A immoralidade dos padres

E' o papa que a proclama

Uma anecdota saborosa

Firmada por E. T., encontramos no Diario de Noticias, de Lisboa, uma Carta de Italia, de que transcrevemos a seguir alguns trechos interessantes:

ROMA, 14 de fevereiro de 1912 — Desde ha algum tempo circulava nestes centros ecclesiasticos o rumor de que Pio X se propunha publicar um documento relativo á vida particular do clero e sobre os abusos — geralmente conhecidos — da vida moral de um extrordinario numero de sacerdotes, sem distincção de países.

Com effeito, o Vaticano não deixa de receber de todas as partes do mundo reclamações contra a conducta escandalosa que tem muitos padres, tanto nas grandes cidades como nas pequenas.

Hoje em dia os sacerdotes que seguem á risca os votos inconscientemente pronunciados na vespera da sua ordenação são muito poucos; e não é uma exaggeração o afirmar que, sobre 100 padres, apenas haverá 20 que se possam dizer solteiros, na genuina significação da palavra.

Pio X — profundamente preocupado com as condições moraes (melhor, immoraes) de uma parte do clero, e não encontrando outro meio mais efficaz para a manifestação das suas ideias — decidiu redigir uma mensagem, ditando minuciosas normas com respeito á vida moral do clero e impondo aos sacerdotes a stricta observancia dos preceitos da moral catholica.

O papa approvára esta occasião para deplorar tambem a agitação contra a prohibição aos sacerdotes de contrahir matrimonio, agitação que se iniciou tambem em Italia, desde ha alguns tempos e está sendo apoiada por algumas importantes revistas catholicas, as quaes recentemente, mesmo, organizaram um «referendum» entre o clero.

A proxima mensagem pontificia terá, além disto, uma importancia especial, porque — segundo se diz autoritadamente — o papa recomendará que as autoridades laicas empreguem os necessarios esforços para que os ministros do culto aos quaes se tenha infligido alguma punição canonica se submetam escrupulosamente a essas punições, enquanto que, até agora, os padres julgados pela autoridade superior hierarchica indignos de exercer o sagrado ministerio, continuam celebrando as funcões religiosas, mercê da tolerancia de bispos demaasiado temerosos do escandalo.

O documento papal, ao qual me refiro, prevê-se que produzirá certa impressão pelo protesto, sereno mas energico, contra os mencionados inconvenientes.

E' claro que tudo continuará na mesma, porque as simples admoestações papaes não mudam a natureza das coisas, e porque a Igreja recusa abolir o celibato clerical, receando o golpe que daqui lhe adviria para a sua disciplina, a sua força e o seu prestigio.

E. T. continúa a enumerar as medidas papaes, referindo-se ás que são adoptadas contra os cardeaes e prelados, que não poderão assistir ás festas mundanas, onde haja damas decotadas! Que sabia medida! Os velhos já não poderão habar-se ante as brancas lacteas dos seios descobertos! Está salva a moral — e Tartufo satisfeito.

A este proposito conta o correspondente de Roma:

Estas disposições papaes — que estão sendo objecto de muitos e muitos encontrados commentarios — fazem recordar a um periodico a seguinte e saborosa anecdota, occorrida em janeiro de 70, quando Roma estava ainda sob a dominación pontificia. Não menos do que pelos especiaculos em geral, as autoridades do Vaticano, occupavam-se com paternal cuidado da temporada da opera do grande theatro de Apolo, que naquella época era o theatro mais importante desta capital. E o prelado designado pelo papa como seu representante no theatro de Apolo, era monsenhor Renzi, o qual podia considerarse como o insuperavel guarda da moralidade e da decencia, por tudo o que se referia aos vestidos das cantoras, das coristas e das bailarinas.

Foizos os vestidos em prova, deviam incoerentemente passar sob os olhos de monsenhor Renzi, o qual escrupulosamente os inspecionava, medindo, por assim dizer, a distancia interposta entre a arte inferior de uma saia de baio e as suas pernas rotundadas da examinada, para poder concluir, feito o exame, se não fosse o caso de alongar a saia.

Uma noite houve a prova geral de um desses celebres bailes esportivos, que estimados eram então pelo publico do theatro Apolo. Diferentemente de hoje,

então nenhum privilegiado podia assistir aos ensaios: sómente mon. Renzi tomava lugar no camarote e dali dava ordens, fazia suspender, corrigir, modificar tudo o que lhe parecia.

Ora aconteceu que, no primeiro quadro do «Baillado», a primeira bailarina, uma bellissima rapariga, joven e cheia de vivacidade, apresentou-se com um decote do baixo, que se poderia temer que, nos movimentos de dança, o peito juvenil pressse poi ventura ir de encontro a qualquer jocunda catastrophe, jocunda, comprehendese, para os espectadores...

Viu o perigo mon. Renzi, e quem o não perceberia? E assim chamou o empresario do theatro, e admoestou o severamente por aquelle decote da bailarina, que era indecentissimo; depois, prohibiu-lhe que a apresentasse daquelle modo em publico, quasi despida.

A bella bailarina resignou-se a obedecer, e, para contentar o prelado, quando veiu no segundo acto do baillado, entrou em scena com um veu quasi fechado e que lhe cobria o pescoço e o collo; mas elle mon. Renzi gritou-lhe do proscenio: — Por esta noite não importa, e podeis tirar o veu. Traze-lo-eis quando bailardes para o publico.

E a prova continuou como no primeiro quadro...

S. S. G.

Os jornaes delle

Explorando a credulidade publica, andam uns jornaes que se intitulam, pomposamente, orgãos da religião e que nada tem de religiosas, vão caçando os nickels da humanidade, numa promessa de bondade christa. Ha dias, pela Tribuna, um chronista referia-se, com razão, aos processos de linguagem pouco correctos de certos jornaes catholicos, citando A Ave Maria, revista humoristica, pôde-se assim chamal-a, tal a maneira galhofeira com que atassalha a tudo e a todos.

Em Pelotas, após o suspirado advento do bispo de messianico, cujos effeitos estão palpaveis no descontentamento geral do povo desta terra, que não esperava por este presente grego, publica-se um semanario que já está seguindo o mesmo tortuoso caminho dos seus collegas espalhados pelo Brazil.

No ultimo numero, em artigo de 1.ª pagina, um chronista qualquer escreveu qualquer coisa, onde se tenta mostrar a acção benéfica da jesuitada no Brazil.

O autor desconhece o que lhe diz respeito.

Quando o nosso presidente do Estado protestou contra a lei da União, não foi porque se reconhecesse no jesuita amigo da luz e da civilização e sim pelos principios de liberdade religiosa, dentro do Estado litro!

O chronista vem tangendo os sinos da santa capella, em louvor ás boas intenções do santo coração dos santos setarios do santo Ignacio de Loyola... E termina dizendo que a mocidade brasileira jamais consentirá em ser explorada por espiritos anti-christãos. Dizemos que essa mocidade não será explorada pelos exploradores de batina e seus serros humilides e passivos.

Para que o leitor aprecie a linguagem desabrida do costume, transcrevemos estas linhas sujas e confusas:

«Todos os ctedos religiosos manifestam o que pensam, atirando contra a Igreja catholica o QUE LHES RONCA NAS TRIPAS». Isso é completamente azuqueroo, repugnante e indigno de figurar num jornal, onde vêm citados Jesus e a sua religião!

Além disso, o portuguez daquela collaboração é essencialmente ecclesiastico.

No primeiro periodo o chronista fala na sua catholica pessoa (eu) e no segundo atende as suas ideias e diz — não.

No 3.º escreveu elle esta linda phrase: «Mas não é isso que o fazem todos os dias as folhas dis-

rias? no 4.º esta construção e esta pontuação (?) «E só A Palavra porque é folha de interesses catholicos que ha de andar a eminar o Padre Nosso e a Ave Maria?»

E assim por diante. E' o caso de pedir ao Padre Vieira que viesse vêr a sua lingua... portugueza.

Mas, como no Brazil, a liberdade é uma realidade, comprehendese essa pullulação de cogumellos negros...

Pelotas, 3 — 1912. Ganganelli 9.

A tempo: Propalou-se que o barão do Rio Branco era catholico e o clero prestou as homenagens do rito. No entanto o grande brasileiro fóra membro effectivo do Supremo Conselho do Brazil e, actualmente, membro honorario. Tanto assim que a Maçonaria tomou parte effectiva, mesmo a portugueza, nos funeraes do illustre brasileiro. Mas, como é costume aproveitar as occasiões, não nos admiramos desse procedimento incoherente...

A "Lanterna" em Santa Catharina

Sempre os frades — A divulgação da Lanterna e do Clarão em nosso Estado, desses dois campeões da liberdade que tão denodadamente vêm defendendo a santa causa da abolição da escravidão que nos impõe a Igreja Romana, tem causado extraordinaria inquietação á relapsa e abominavel fradaria vermelha, agglomerada nos covis desta cidade e S. Amaro do Cubatão.

Esse sinistro bando de aves agourentas que vagueia em nosso Estado, verdadeiro espantinho da civilização, do progresso e da liberdade humanas, não cessa de vomitar dos baldes religiosos toda sua baba peçonhenta contra a imprensa que tomou a si a nobre e purificadora missão de pôr a descoberto as mais escandalosas bandalheiras, occultas sob o nefasto manto da hypocrisia.

São uns fosseis, esses miseraveis!

Nos mais afastados lugares, onde o povo é em sua maioria analfabeto, como em Angelina, andam esses fantasmas pregando contra esses dois jornaes, dizendo serem contrários á causa de Deus!

Em nome de quem e com que direito vem um frade estrangeiro, sem patria e sem familia, descalço, apenas com uma corda amarrada sobre um nojento capote que lhe cobre a nudez, dizer ao povo «que não leia nem mesmo deve ouvir ler» jornaes (Lanterna e Clarão) brasileiros cuja publicidade é autorizada pela mesma lei que autoriza a permanencia e o livre transitio dessa sinistra praga em nossa patria?

Da Allemannha, como de outras nações da Europa, nos vêm muitos cidadãos: uns com seus capitães e outros com o seu proprio trabalho cooperar para o progresso e engrandecimento da nossa patria; porém, com relação a um frade não se dá o mesmo. Elle apenas vem com a sua audacia dizer-nos que existe um Céu e um Inferno, e por esse facto locupletta-se a custa dos nossos 30 % de analfabetos, obrigando-os a trabalhar nas construcções de igrejas e conventos para ahí viverem esses ratazanas, de ociosidade e na preguiça.

Com que elemento concorre um frade para o nosso progresso!

Repelli essa praga negra que sómente concorre para nos embrutecer, é unicamente o esforço que devemos empregar para bem servirmos a sociedade.

S. José, (Santa Catharina). C. de Lippe.

Perguntas indiscretas

De Deus quer que o combagem, amem e respeitem, porque não se mostra? De infinitamente bom, porque ha de ser temido? De tudo sabe, para que enfado-lo com os nossos negocios e supplicas? De está em toda a parte, para que conserte-lhe os templos? De infinitamente justo, porque pensa que os seus serros os serros que elle criou trarão? De a sua justiça é infallivel e irrevogavel, porque offendido-lo com orações? De se lamentar se fomos o bem por uma graça particular de Deus, que motivo ha para os recompenzar? De a todo-poderoso, porque permitto a blasphemia e não mata o blasfemo? De se indignar com o homem que se torna sendo infinitamente justo, bom e poderoso, como consente o mal? De a incomprehensivel, porque se occupam dello?

Vida operaria

EM SOROCABA A União Operaria com sede em Sorocaba deverá realizar no domingo proximo, 7 de abril, uma assembleia geral na qual tratar-se-á de assumptos de importancia para a classe.

E' LOGICO...

Um nédio padralhão de rosto oleoso, Vasto abysmo de vicio e hypocrisia, Prégava sobre o caso milagroso Da santa virgindade de Maria:

Mas, dentre a multidão que attenta o ouvia, Levantou-se um sujeito cabuloso. Proferindo, (que horror!) esta heresia, Em tom terrivel e sentencioso:

«Reverendo, essa historia malfadada, Que diz a religião ser muito certa, Deixa-me u'alma dúvida pesada!

Não precisa que a gente seja esperta Para saber que abrindo-se uma estrada, Essa passagem fica sempre aberta...»

Zé Daniel. Mogy-guassú, 24 de fevereiro de 1912.

DIVERSÕES

THEATRO COLOMBO — Os espectaculos deste theatro estão sendo abrihantados por tres excellentes numeros de variedades: O cão que fala, os duettistas italianos e o musico eccentrico.

Os films apresentados, por serem escolhidos e bons, agradaram bastante. Vai ser ali apresentada a empolgante fita Morte Civil.

THEATRO CASINO — Sempre muito concorridos os espectaculos desta casa de diversões. E ha razão para isso, pois os seus programas são bem organizados e atrahentes. Amanhã teremos ali uma boa matiné.

CINEMA CONGRESSO — Boas fitas foram ali exhibidas durante a semana. Hoje haverá sessões de fitas novas para esta casa de diversão e amanhã haverá espectáculo de dia com programma escolhido.

JOCKEY CLUB — O programma das corridas de amanhã neste Prado está organizado de maneira a chamar a attenção dos admiradores desse genero de sport.

O deus Jahveh

Pois que Jehovah era em sua origem um deus como tantos outros, tornando-se depois deus supremo, vejamos qual a natureza que assignalam os testemunhos antigos. Sem nos deter a lenda do jardim do Eden, tirada sem duvida dos arcadianos, onde se vê Jehovah (Gen. III, 8) «que passava no jardim ao ar da manhã» e falava á moda dos homens; nem a época em que «Jehovah veio ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam»; poderíamos achar factos taes como a luta de Jacob com Deus, e a conversa de Deus com Moisés, quando «o Senhor lhe falou face a face, como um homem fala a seu amigo.»

Alem disso, o «Deus das batalhas» que tão cruel e amudadamente castigava a desobediencia, era evidentemente um deus local, «o Deus de Israel». O mandamento: «tu não terás outro deus diante da minha face», não significa que não haja outros deuses, mas que os israelitas não deveriam reconhecer a autoridade delles. A ideia que o deus hebreu não era o unico acha-se implicita na expressão nosso deus que os hebreus empregavam para distinguir Jahveh dos outros deuses.

Mesmo admitindo que Jahveh era um deus como os outros, affirmava-se que a sua autoridade se estendia sobre o universo inteiro. O mesmo succedia com certos deuses egypcios e com os pharaós vivos. Dizia-se a um delles: «Não ha lugar onde não reine a tua divindade; as tuas palavras são lei para toda a terra... Tu tens milhares de ouvidos... Tudo o que se faz os teus olhos o vêem.»

A autoridade de Jahveh não era só limitada quanto á extensão; era-o tambem quanto ao grau. Não se pretendia para elle a omnipotencia.

Sem esquecer o mallogro da sua tentativa de morte contra Moisés, cite-mos as batalhas perdidas pelos israelitas, quando combatiam por seu conselho, como nas duas travadas contra os benjamitas, e o combate contra os phillisteus, quando «a Arca de Deus foi tomada.» (I Sam. IV, 3-10).

Testemunho mais forte ainda: posto que «Jehovah viesse em socorro de Judá», elle «não pôde expulsar os habitantes do valle, porque estes tinham carros de ferro» (Juizes I, 19). Isto é, o seu poder tinha lacunas como o poder que a seus deuses attribuíam outros povos.

Iguaes lacunas na natureza intellectual e moral: — Jahveh recebia noticias; elle proprio val-

ver se são verdadeiras; arrepende-se do que fizera; isto é não possui a omnipotencia. Como um rei da Assyria ou do Egypto, não cessa de se gabar a si mesmo. Diz: «Eu não darei a minha gloria a outrem» (Isaías XLVIII, 20). Logra um propheta, fazendo-o prophetizar falsamente, com a intenção de o perder (Ezequiel, XIV, 9). Confessa-se cioso, vingativo e destruidor dos seus inimigos. Envia um espirito de mentira a um rei para o enganar, como Jupiter fez a Agammenon (2 Chr. XVIII, 20). Endurece o coração dos homens para os punir do mal que fazem. Excita David a fazer a estatística de Israel, suggerindo-lhe um pretendido peccado, pelo qual elle possa depois fazer soffrer o castigo áquelles que não o commetteram. Procede como faziam os deuses da Grecia, que, dizia-se, inspiravam mais acções e que exerciam as suas vinganças com tão pouco discernimento.

G. Spencer.

Lanterna Magica

Religião e maxixe

O Correo da Noite, do Rio, publicou uma nota sobre o dr. Lopes Travão e o sentimento religioso do povo, da qual cortamos este trecho, que não deixa de ser interessante:

«Admiravel gente!.. Affirmam que ella é muito catholica, muito apostolica e muito romana. Eu creio com as convicções mais arraigadas do Pio, da policia... Mas, si uma procissão do Entero tocarem um maxixe bem mexido e o guarda civil lhe disser: «Pde dançar, ella dançará até estafar-se em torno do esquite do Senhor.»

O seu programma

Do Univers, jornal catholico de França:

Eis qual seria o programma a propôr aos catholicos:

«1.º Queremos que a Constituição franceza (seja qual for a forma do governo), ratificando a Constituição não escripta, reconheça como unica verdadeira a religião catholica, apostolica, romana, cujo chefe absoluto e infallivel é na terra o papa, vigário de Jesus Christo, nosso Deus.»

«2.º Queremos que o governo francez seja oficialmente catholico...» Etc.

E' esse o programma dos clericos francezes, brasileiros (que querem repôr Deus no Estado, como já declararam), e de todo o mundo, embora de vez em quando digam aceitar a separação pura e simples entre a Igreja e o Estado e taem hypocritamente em liberdade.

Concorrentes

Do Mundo, de Lisboa:

Informam-nos ter o governo recebido noticia official de que o bispo de Tuy «chamara os padres portuguezes ameaçando-os de expulsão caso não modificassem seus escandalosos costumes.»

Mas então o bispo de Tuy, principe da Igreja, quer imitar o dr. Affonso Costa de Portugal, graduado da maçonaria, agindo pelos mesmos motivos e justificando assim os actos de perseguição anticlerical?!

Aonde vamos nós parar? Non c'è più religione.

Ha só uma explicação: o bispo anticlerical só vê o argueiro no olho dos padres portuguezes — sem allusão ao bispo de Beja — e não vê a tranca no dos compatriotas seus subordinados. E não admite concorrentes. Que os portuguezes vão fazer escandalo para... sua casa!

... Ou para o Brazil, commodo asylo dos faustinos, pois que a casa lhes foi fechada.

Carollame habitual e inveterado — cura-se com a divulgação da Lanterna.

A RAZÃO

Com o titulo acima, deverá apparecer amanhã, no Rio de Janeiro, um periodico que se destina a ser mais um látego para fustigar a seita negra, causa de tanto flagello.

A Razo será publicada por um grupo de anticlericos e redigida pelo companheiro Santos Barbosa.

A "Lanterna" em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circunvizinhas, é agente da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andra-de-Neves, 555, e que está autorizado a tratar de tudo quanto se relaciona com a Lanterna.

Um "fiasco" clerical

O centenário de Constantino

A celebração do centenário de Constantino, o primeiro imperador romano que abraçou o cristianismo, celebração que segundo a piedosa intenção do *infallível* que dirige os destinos da igreja católica romana, deveria ser, em 1912, uma resposta ás festas realizadas em 1911 em honra da unidade italiana, parece ter naufragado por completo. Anunciado para o corrente anno, acaba de ser transferido para 1913, sob pretexto de qualquer manigancia chronologica, mas na verdade para evitar um *fiasco*. Imaginava o sinédrio racionista que bastaria chamar a capitulo todo o mundo sob a invocação do imperador paricida para logo atrair a Roma uma multidão immensa que dos quatro cantos do globo, da America como da Asia, da Europa e da Africa como da Australia, iria prostrar-se aos sagrados pés do sr. Sarto, não se esquecendo de *passer la chaise*, não para receber mas para deixar grossa maquia a avolumar o thesouro de... S. Pedro. O caso, porém, é que nem a vontade infallivel do papa nem um milagre divino foram capazes de demover as populações á colossal peregrinação constantiniana. Os *caixeiros viajantes* catholicos, purpurados ou não, espalhados por diversos paizes com o encargo de organizarem a projectada peregrinação, nada conseguiram. A grande manifestação de fidelidade a Pio X desfez-se como uma bola de sabão. Foi um sonho que passou para não mais voltar. E foi isso que deu lugar á reconSIDERação e aos tratos dados á pobre chronologia para justificar a *transfereNCIA* que, afinal, é um pobre eufemismo para mascarar um adiamento indefinido que relegará o centenário constantiniano para as calendarias vaticanas. Tendo sido em 312 a conversão de Constantino ao christianismo, era em 1912 que se completavam 16 seculos sobre esse facto, que deveria ser considerado capital para a Igreja. O que se pôde commemorar em 1913 é o *edito de tolerancia*, promulgado em Milão, por Constantino, em janeiro de 313. Mas esse edito não foi mais do que a confirmação do de Galeria, que, em 30 de abril de 311, em nome deste e dos seus collegas Licínio e Constantino, acabou com as perseguições religiosas. Já se vê, pois, que a Igreja foi desastrosa até na escolha da nova data com que pretendeu encapotar o seu *fiasco* do anno corrente. E' pouca sorte e pouca... infallibilidade.

(O Mundo, Lisboa).

A "LANTERNA" NO INTERIOR

Em Palmeiras

Alguns colonos da fazenda Santa Veridiana vieram a minha residencia communicar-me que o padre desta parochia, rev. Poncocco, sendo chamado para effectuar um baptizado na fazenda do sr. João Penteado, teve o descaramento de exigir 18\$ por esse serviço.

O colono victima dessa extorsão chama-se Cigoli Romualdo.

Levou o nosso bom sacerdote a proceder dessa fórma o facto de Romualdo recusar-se a contribuir com uma *gensalidade* criada pelo nosso morcego com fim de auxiliar a construcção de mais um antro, mais um local de deboche, que os entendidos na *ciencia bachatica* dão o nome de igreja.

Sabemos tambem que o nosso candidato pastor ao despedir-se esbravejou todo nervoso:

"Recusam-se a contribuir para uma obra santa, mas Deus fará justiça. Eu peço em seu sagrado nome que esta fazenda seja attingida por uma forte tempestade e que finalize o castigo com uma terrivel epidemia de febra amarella!"

Sr. redactor, isto foi presenciado por mais de 40 colonos daquela fazenda. Pelo exposto v. fica ao par da boa peza que aqui temos.

Peço fazer o obsequio de tirar os devidos corollarios.

Se possível fór, pedimos fazer uma apreciação sobre o facto.

O correspondente.

N. DA RED. — Pedem-nos o nosso correspondente que juntamos os nossos comentarios á noticia que nos communicou, mas não julgamos isso desnecessario por quanto o facto por si só já dá tudo.

Com elle temos ainda uma vez a confirmação de que aqui estamos constantemente alienados, isto é, que o padre, como um racionista qualquer, procura arrastar os legumes tanto quanto pode.

E' o seu officio, com o qual ganha *lucros* e a vida.

Vendem uns arbelias e almas, estas im-

lho e feijão e o padre as suas missas, baptizados, casamentos, christas e indulgencias... Com a differença, porém que o padre recebe o dinheiro adiantado para não fornecer mercadoria alguma.

E' um negocio como outro qualquer.

Porque o chamam o bom colono para lhe baptizar o filho? Que diabo significa deitar uma cuia d'agua na cabeça de uma criança e emporcalhar-lhe a bocca com o sujo cuspe de um padre?

Mas então, um bruto desses, quasi sempre cheio de vicios, poderá purificar um innocente ainda todo puro?

Ora, ora!

E' necessario abandonar o padre para não se ser por elle explorado.

Não ha outro meio.

Em Tamoyo

30-3-912 — Não pasmem, meus caros leitores, com isto que vou contar:

Todos sabem que o carneiro tem sido e será sempre para a Igreja Romana, o symbolo de paz e concordia, e, antigamente, elle era immolado em holocausto ao creador.

Ha poucos dias, quando o *grandissimo* reverendo da vizinha villa de Ibaté estava mastigando meia duzia de asneiras no seu (lá delle) rendoso balcão, levantando *humilde e piedosamente* os seus santos olhos para o céu, implorando ao Deus delles que exterminasse todos os herejes, foi entrando pela porta a dentro um humilde cordeiro, para offerecer-se em holocausto para a remissão dos nossos peccados.

"Pois querem saber o que aconteceu?"

Em vez do reverendo immolar o cordeiro, teve um tal ataque de nervos que causava pavor!...

O carneiro era preto e foi o bastante para os carolas darem as de villa diogo, gritando doidamente que o diabo em forma de bode acabava de invadir o templo sagrado para tentar o *santo* pastor!...

Pobre cordeiro!... Fostes cumprir a tua santa missão e no entanto expulsaram-te a pauladas!...

Lastimo-te de todo o coração porque mereces mais consideração do que todos esses hypocritas jesuitas que são capazes, para maior gloria de Deus, de enfor-car o proprio pai!...

Lastimo-te, pobre cordeiro!...

Umberto Menegatti.

Secção amena

— Meu irmão, dizia o cura ao Zé das Furnas, você deve dar 100\$ aos santos para remir os seus peccados de atheismo.

— Mas seu vigário eu não sou nem nunca fui atheu!

— Pois você não é casado com a irmã de um atheu?

— Sou.

— Pois então é atheu por afinidade; é a mesma cousa. Passe os cobres.

— O' Baptista! Porque escreveste só para homens na capa deste livro?

— Está visto. E' a Biblia.

Trecho de um convite para uma festa religiosa:

...e pedimos a V. S. o favor de mandar além da importancia acima mencionada, virgens, anjos e algumas outras prendas para o leitão.

Quem quizer comprar virgens e anjos venha logo.

— Irmão, estou assustadissimo, disse um frade gaguejando.

— Porque, meu irmão??

— Quando vinha para cella vi o clarão de uma lanterna no corredor.

— São o nosso eterno spezedello, suspirou o outro.

— Porque não queriam os padre que a terra fosse movel?

— Porque o inferno virando constantemente não os deixaria socegar.

Seth Latour.

Aos assignantes da Mogyana

Participamos aos assignantes da *Lanterna* residentes nas localidades servidas pela linha Mogyana que o nosso companheiro José Romero começou a cobrança por essa zona.

Estamos certos que os amigos das cidades mencionadas contribuirão promptamente com a importancia de suas assignaturas, esforçando-se tambem para ser augmentado o numero de assignantes do nosso jornal.

Os que, pelos seus afazeres difficilmente possam ser encontrados, prestar-nos-ão um obsequio deixando em casa a importancia devida, para evitar que o nosso companheiro perca tempo inutilmente.

O progresso de S. Paulo

II

Vendo os *grandes generaes* que commandam o formidavel exercito dos filhos de Ignacio de Loyola que o rapido e continuo progresso, não só da capital, mas de todo o poderoso Estado de S. Paulo, lhes poderia ser de grande utilidade e de não menos grande proveito para a propaganda de sua nefasta politica, sob a capi de um sentimento religioso esdruxulo; elles, que são de um *firo tão fino*, não desprezaram á bella occasião de lançar a rede do fanatismo nas aguas da superstição para arrastar o orgulho, a vaidade, em suas malhas, não só em seu proveito pessoal, mas tambem *ad majorem dei gloriam*. Para conseguirem seus desejos, o chefe supremo do clericalismo paulista, D. Duarte Leopoldo, arcebispo de S. Paulo, desejando fazer uma boa *covação de arame*, convidou a elite dos capitalistas da capital para uma reunião em seu *palacio*. Perante essa illustre assembleia de grandes argentarios, o digno arcebispo *de tou falação*, dizendo mais ou menos o seguinte: "Por uma lei historica e fatal, S. Paulo ha de sempre caminhar na vanguarda, tem a cumprir uma grande missão politica e social, (o gripho é nosso) e a sua hegemonia, civil e religiosa, (?) já hoje não poderá ser contestada".

Afinal, o fim da reunião era participar, aos capitalistas de S. Paulo, que a construcção de uma nova cathedral archiepiscopal, nesta capital, era de rigorosa necessidade e de inadivavel execução, não só para agradar o Deus do luxo, do orgulho e da vaidade, offerecendo-lhe um grande *barracão*, novo, confortavel e ricamente decorado com todos os requisitos e conforto de uma morada digna de um *Pachá*, como é o *padrão* do papa, que habita em Roma, um dos maiores se não o maior dos palacios conhecidos; mas tambem para demonstrar aos vindouros as riquezas dos argentarios Paulistas, e o *ardor*, e *de fe religioza* que elles, os argentarios, têm.

Entretanto que o bondoso Rabino da judéa, de quem esses corypheus do papismo se dizem representantes, dizia: — "As raposas têm covas, as aves do céu têm ninhos, mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça". Que contraste entre o mestre e os que se dizem seus representantes!!!

Não! não pode ser que esses homens cheios de orgulho e enfiados na mais repugnante vaidade, possam ser, já mais e em tempo algum, representantes do mais humilde dos homens do maior amigo da humanidade. Quando muito, esses inimigos da liberdade, poderiam ser representantes de satanas, se satanas pudesse existir; pois, sua existencia, como um ser eterno, seria a maior calumnia atirada ao Deus da humanidade, todo sciencia, todo amor todo caridade para com tudo que existe; não conhecendo o erro, porque elle é a sciencia; não conhecendo o mal, porque elle é o amor; nada castigando, porque elle é a caridade.

Mas, quasi ao finalizar seu discurso, disse o illustre arcebispo de S. Paulo que já possuía a planta da futura cathedral em projecto, orçada sua construcção em seis mil contos, fóra o terreno necessario a desapropriar. Essa planta, disse o illustre arcebispo... "teve os applausos do architecto — Bouvard — e mereceu a approvação da Academia de Bellas Artes — de Berlim, cujas indicações foram aproveitadas com talento e habilidade pelo sr. dr. Max Hehl, autor do projecto e professor de architectura da Escola Polytechnica de S. Paulo". Isto já é alguma coisa; porém, pedimos venia para dizer algo relativamente ao orçamento. O custo de seis mil contos, da nova cathedral, é fóra o *moitão* e a *sobre-mesa*. Fóra o *moitão*, já o disse o illustre arcebispo; é o necessario terreno a desapropriar; quanto á *sobre-mesa*, são as alterações e modificações que hão de apparecer continuamente na edificação de um grande edificio que será, fatalmente, construido por administração; e tudo isto, *terreno e acrescimos*, onstará mais 100% do orçamento primitivo, isto é, á nova cathedral custará, mais ou menos, doze mil contos. Responda, por nós, a construcção do Theatro Municipal, cujo orçamento primitivo não chegava a quatro mil contos; entretanto, sendo construido por administração, custou á Municipalidade mais de seis mil contos, fóra o valor do terreno, que não é

pequeno. Isto é o que temos ouvido dizer; se é ou não verdade, não sabemos, nada podemos afirmar a tal respeito; é o que diz o povo; e: *voz populi, vox dei*.

Por fim, ao terminar a grande reunião dos distinctos capitalistas, o illustre arcebispo nomeou em commissão toda a assembleia em bloco para angariar o *arame* necessario para a construcção do grande templo. Só um illustre *conde* palatino assignou duzentos contos, outros cavalheiros assignaram, uns a cem contos, outros a cinquenta contos e outros a dez contos. A colheta foi boa.

Arará.

Bilhetes e recados

Atibaia — D. C.: Vamos arrecadar alguns exemplares pelas agencias para satisfazer o seu pedido.

Jahú — P. A. P.: Remettei o livro, os folhetos e os hymnos. Saudações aos companheiros.

Sete Lagoas — P. T.: Recebemos a importancia de sua assignatura. Agradecemos pelas palavras de animação que nos dirige. Saudações.

Rio — J. Rodrigues: Remetti o folheto pedido. Recebi o livro. Salud!

Rio — E. Brandão: Fizemos a transferencia. Sempre são uns... pandegos essas taes! Saudações.

Barretos — J. de S. M.: Foi feita a transferencia recommendada.

S. José — C. de Lippe: Remetteremos os exemplares pedidos. Saudações.

E. Brodowsky — Q. T.: Registamos o novo assignante dahi. Saudações.

Pedreira — E. F.: O jornal já está sendo enviado p'ráhi. Saudações.

Belém — J. A. S. C.: Foram remetidos o livro e os folhetos. Saudações.

S. Paulo — P. N.: Modificamos a direcção. Remettei o n. pedido.

Rio — Dr. M. V. de Carvalho: Com grande satisfação. Esse é tambem o nosso desejo. Isto 5 exemplares. Saudações.

Rio — M. E. Teves: Foi feita a modificação do endereço. Sade.

Rio Claro — A. Simões: Transferimos o seu endereço. Poderá remetter nos directamente. Saudações.

Campanha — J. T. B.: Isto só fazemos os jornales de balcão. Os amigos deste jornal sabem que elle só conta com o seu auxilio. Saudações.

Queluz — L. Lator: Não sabemos que ns. desejis, pois as datas indicadas não concordam com os do jornal.

A Lanterna em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem deseja assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyset Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

Encaminhe-se á venda na Mensageira, Central, 4, rua Bragança.

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reprodução na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

"A LANTERNA"

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIERRA, rua Conselheiro Raimalho, 166.

AGENCIA DE JORNALS do sr. Antonio Scafato, rua 15 de Novembro, 37.

AGENCIA DE JORNALS, rua S. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5-A.

ENGRAXATE, largo da Sé, 4.

"El Motin"

Este excellent periódico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado, está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 28500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 38000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 28500. Pelo correio, 38000.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 18000 pagando mais 300 registrada pelo correio.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amadores* . . . \$200

A. de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* . . . \$200

H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . . \$100

Petro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico* . . . \$100

Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . \$1000

B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . . \$1000

Mezza Botta, *O Papa Negro* . . . \$2000

Jesus Christo *nunca existiu*, Bossi, *Religião e Evolução*, E. Haecel . . . \$800

Sociologia *Fundamental*, Benteo . . . \$5000

Dbr Universal, Faure . . . \$1500

Brito Bethencourt, *Catecismo Athem* . . . \$200

EM HESPAÑHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población* . . . \$100

Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad e Independencia* . . . \$100

C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* . . . \$100

André Girard, *Educación y Autoridad Prternal* . . . \$100

EM ITALIANO

Dottor Nicolò Conventi, *Che cosa è il Socialismo* . . . \$100

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . \$300

Almacco Librario illustrado 1909 . . . \$300

EM FRANCEZ

Les Prisonis, Pierre Kropotkine, *L'Esprit de Rivolte* . . . \$300

René Chauvi, *La Femme Esclave* . . . \$100

Jean Grave, *L'Intens pour l'Action* . . . \$200

Eliás Reclus, *Amor Frère le Pysian* . . . \$200

Jean Grave, *Si j'avais à parler aux Electeurs* . . . \$100

Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne* . . . \$200

Eliás Reclus, *Evolution e Rivolusion* . . . \$200

Urban Gobier, *Anta Femmas* . . . \$100

E. Malatesta, *Entre Pysians* . . . \$300

M. Neitlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrier* . . . \$200

Marc Pierrot, *Sur l'individualisme* . . . \$300

Louis Blanc, *Quelques Virtilis Economiques* . . . \$100

André Girard et M. Pierrot, *Le Parlerianisme contre l'Ation Ouvriere* . . . \$100

Petro Kropotkine, *Le Salarial* . . . \$100

La Morale Anarchiste . . . \$200

M. Pierrot, *Travail et Surmenage* . . . \$200

Diretor, *Entretien d'un philosophe avec la marchale* . . . \$100

Jean Grave, *La Conquête des pouvoirs publics* . . . \$100

Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien* . . . \$100

Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre* . . . \$200

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

Primeira série, já publicada:

La Lujuria del Clero, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Robert.

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

El Romance Anticlerical, por varios autores (primero tomo).

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordéix.

Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo.

Monita Secreta de los Jesuitas.

A Una Madre, por Ramon Chies.

La Democracia y la Iglesia, por Potvin.

2.ª Serie em publicação:

Dios, por Suffer y Capdevilla.

Mos Milagros, por Roberto Robert.

Lo que comen los curas, por Frey Gerendio.

Viaje al Inferno, por José Nakens.

La libertad de ensenanza, por Edmundo Gonzalez.

La Papiés Juana, por Julio F. Mateo.

Sonetos Piadosos, por varios.

Retratos de José Nakens, 18500 réis.

"A LANTERNA" NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAPÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Hras Lauris.

Na rua do Senado, 65.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Privi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Sande, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Jannario Cascardi.

Rua 1.ª de Março — Agencia do sr. Mandarini.

Rua Uruguaiana, 110, esquina da rua do Rosario (engraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (engraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Carlos Compes.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matara — V. Isabel.

Rua Maria e Barros, 409, com o sr. Angelo Speduto.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes de

Sindicato Geral de Trabalho

10, BOULEVARD MACHINISTE, PARIS — 2

Ann. 31 francos

6 meses 18.50

3 meses 9.25

Engenho Stamoto

Sem engronagem para mosem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto pais; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Burchard, 146 — S. Paulo.

O ARCHIVO DEMOCRATICO

Revista mensal e illustrada

Tem publicado 27 photographias em 24 por 30, primorosamente executadas em dos primeiros ateliers da Alemanha. Eis, por ordem numerica, as photographias já publicadas de illustres democraticas portuguezas e estrangeiras:

1 — Antonio José de Almeida; 2 — Bernardino Machado; 3 — Elias Garcia; 4 — Alfonso Costa; 5 — Duarte Leite; 6 — Heliodoro Salgado; 7 — Alexandre Braga; 8 — Alves da Veiga; 9 — Sebastião Magalhães Lima; 10 — João de Menezes; 11 — Manuel de Arriaga; 12 — João Chagas; 13 — José Sampaio (Bruno); 14 — Theophilus Braga; 15 — Guerra Junqueiro; 16 — Consiglieri Pedros; 17 — José Relvas; 18 — Botto-Machado; 19 — Lauro Sodré; 20 — Miguel Bombarda; 21 — Franço Borges; 22 — Francisco Ferrer; 23 — Alfredo de Magalhães; 24 — Hermes da Fonseca; 25 — Carlos Candido dos Reis; 26 — Antonio Luiz Gomes; 27 — Antonio Maria da Silva.

No preço:

28 — Azevedo Gomes e 29 — Ladislau Parreira.

Assignaturas. — Podem principiar em qualquer numero ao preço de 38600, por anno, para Portugal; Africa, 48000 e Brasil, 48800.

Estão á venda lindas capas em percalina ao preço de 500 rs.

O 1.º e 2.º volumes encadernados, custam 48200 réis cada um, Africa 48600 e Brasil 58400.

Estão tambem á venda vultoso photographias em brometo e platinas.

Além dos numeros já publicados no "Archivo Democratico", as do dr. Eusebio Leão, Ministro da Guerra, Ministro da Marinha, Ministro do Fomento, Braconcamp Fretre, Major Coelho, Marinha de Campos e muitos outros de mais evidencia no Partido Republicano.

Em tamanho de 24 por 30 ao preço de 300 réis.

Em tamanho de 50 por 60 ao preço de 1800 réis.

Bilhetes postaes com os retratos de todos os deputados republicanos.

Editor o "Archivo Democratico" uma collecção de bilhetes postaes illustrados que vende ao preço de 40 réis com grandes descontos aos revendedores.

Pedidos á Administração, Rua Garrett, 36, 4.º-D. — LISBOA.

Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1887

Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 60

— S. Paulo —

Leiam! propaguem! o Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza litteraria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E, não uma parodia, que poderia cair no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versuculos são phrases lapidarias e profundas, em que as parabolias fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento 68000

Avulso 200 réis

Os pedidos de folhetos acompanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Liberdade", editores.

"A Lanterna" no Interior

A *Lanterna*, além de ser vendida avulsamente em quasi todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Belles, rua Amador Bueno, 41 e 48.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Faiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluizio e irmão.

Cataguases, com o sr. Fancion Barbosa, largo do Commercio 1 — A. Florimopolis, com o sr. Valentin Farinhas, rua Republica, 6.

Deocleciano Martyr — advogado criminal civil e militar, Rua da Alfandega n.º 134, sobrado — Rio de Janeiro — Brazil.